

OS NAVIOS ESTRANGEIROS NO TEJO

Há um mês, desde os acontecimentos de 19 de Outubro, que a Inglaterra, a França e a Espanha mantem ali no Tejo alguns vasos de guerra. Porquê? Acaso se tinham dado ataques à vida e propriedade de estrangeiros? Não. Essas nações, que nos veem dobrar as amarguras, humilhando-nos com a presença dos seus barcos, pretendem apenas demonstrar-nos pela força brutal que às nações pequenas não são permitidos os mesmos crimes e loucuras que cometem as grandes. Se é o receio duma guerra civil com as suas vindictas sangrentas, preguntamos à França e à Espanha por que não enviam os navios a meter-se de permeio entre a Irlanda e a Inglaterra.

Se temem alguma tentativa bolxevista, fundada em notícias sobre sovietes de marinheiros, desejariamos saber que fizeram a Inglaterra e a Espanha, e até a mesma França, quando uma esquadra inteira desta última nação, destituídos e desrespeitados os respectivos comandantes, arvorou a bandeira vermelha no Mar Negro. E se a sua permanência em frente da cidade quere apenas confirmar a repulsa pelos atentados de 19 de Outubro, já manifestada pelos desejos do corpo diplomático de que fôsem castigados os criminosos, que nos digam a Inglaterra e a França se alguma vez intervieram na Espanha, o país clássico dos atentados e pronunciamentos e do qual uma ilustre escritora sua natural, a senhora Pardo-Bazan poudes escrever, não há muitos anos, estas palavras: que ali «o direito caiu em tal descrédito que o nome de justiça faz sorrir ou estremecer e onde se teme muito mais essa justiça que os próprios malfeitores». Sabemos de boa fonte que o corpo diplomático, apesar da atitude, mais que correcta, amiga, do ministro da América, embaixador do Brazil, ministros da Inglaterra e Itália, chegou em certa ocasião a manifestar ao snr. Presidente da República o intento de desembarcar forças em Lisboa, caso voltassem a dar-se acontecimentos revolucionários. E, como em todas as coisas sérias há sempre uma nota cómica, consta-nos que nos foram particularmente hostis os representantes de duas repúblicas sul-americanas !!!

E, pois que aquelas três nações presam tanto a nossa tranquillidade, queremos agradecer-lhes aconselhando-as a que não maculem mais as suas decantadas tradições de pura democracia, de fraternidade universal ou generosidade cavalleiresca, oprimindo uma nação pequena e fraca, mas que na hora do maior perigo para a civilização da humanidade auxiliou a umas, e à outra deu um exemplo de melhor compreensão do direito e da liberdade humanas, defendendo-as com o sangue.

JAIME CORTESÃO

*Ex-official voluntário da Grande Guerra
em França, Cruz de guerra, ferido em combate.*